



*A horta do Senhor  
Lobo*



Há muitos e muitos dias que o Senhor Lobo percorre a floresta, duma ponta à outra, em busca de um pedacinho de comida, mas sem resultado. Nem o mais inocente e desprevenido passarito pôs o bico de fora do seu ninho, ao frio. Nem o mais simples e tolo bichinho se atreveu a mostrar a ponta do seu focinho.



“Estou esfomeado!”,  
queixa-se ele,  
enquanto caminha por  
entre as árvores. A  
fome obrigara-o a  
trincar umas tristes  
bolotas, duras como o  
gelo. “Chega!”



Estou farto”, exclama para si próprio, enquanto engole uma miserável avelã.

“Tenho de me OR-GA-NI-ZAR! Vou armazenar comida, em latas de conserva, no meu armário. De certeza que não serei o primeiro animal a fazer isso!”





O Senhor Lobo põe a cabeça a funcionar. E prepara-se para a obra. Para construir uma horta, são precisas ferramentas e sementes. Ele encontra tudo isso no armazém do agricultor. Até descobre um velho chapéu de hortelão que lhe assenta na cabeça como uma luva.

Depois, começa a ler e reler o Livro do Perfeito Hortelão, que o deixa a sonhar: a sua horta há-de ser a melhor de todas as hortas do mundo inteiro.

Todos os animais da floresta se põem a espreitá-lo, cheios de curiosidade. O Senhor Lobo revolve terra e mais terra. Depois, cava, semeia, rega, trata e monda. É um trabalho muito duro, e ele sua como um porquinho. Além disso, nem sequer tem tempo de ir à caça. Felizmente os rabanetes cor-de-rosa crescem muito depressa.





O Senhor Lobo fica maravilhado quando os tomates e os pimentos começam a amadurecer, quando as ervilhas e os feijões crescem ao longo das estacas e as gordas abóboras amarelecem, como bolas douradas.



O seu armário fica a abarrotar de comida. De certeza que ao Senhor Lobo nada faltará, no próximo Inverno!  
E enquanto ele está ocupado a arrumar e a cozinhar, a meter em latas de conserva os tomates e os vegetais para a sopa, os habitantes da floresta passeiam por todo o lado, sem medo nenhum.



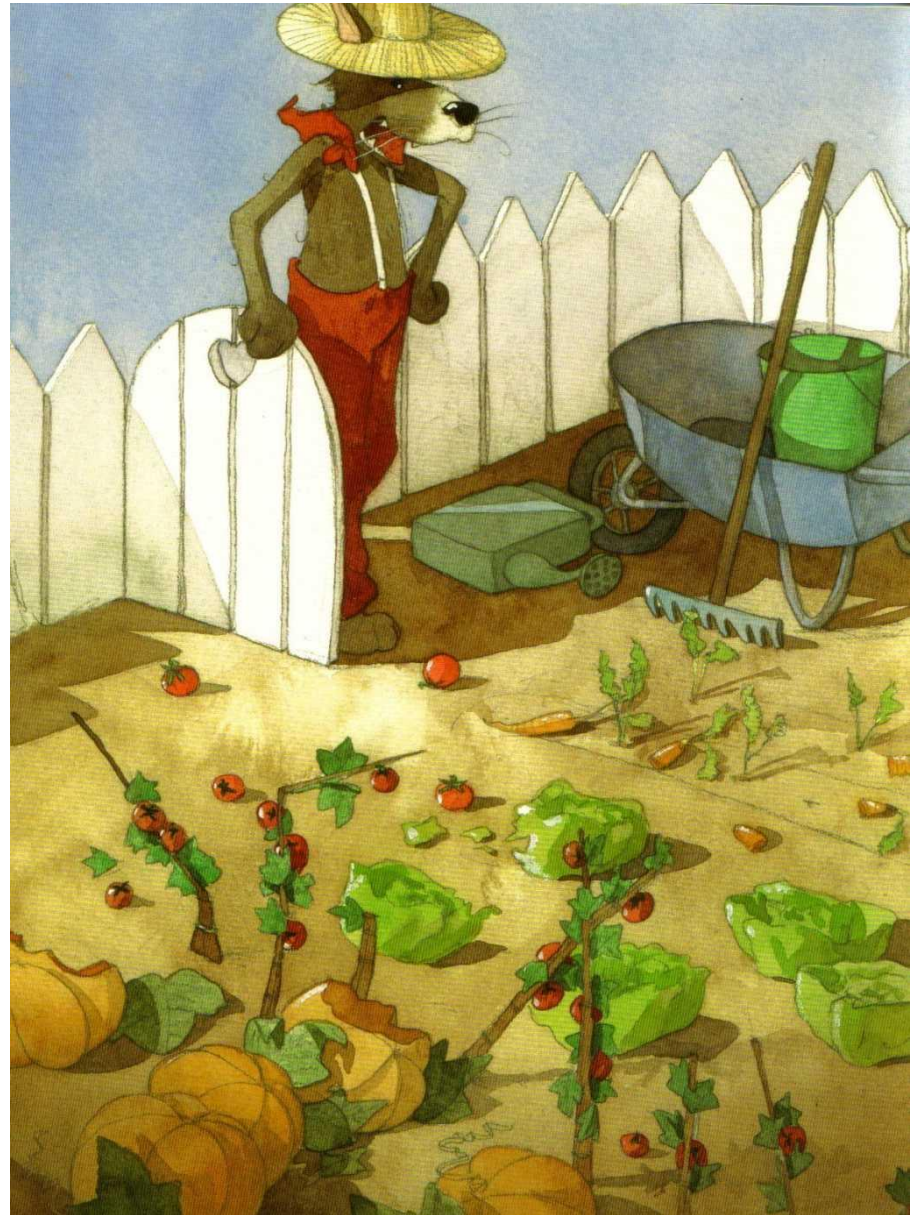




Os  
animais  
nunca  
sentiram  
tanta  
paz nas  
suas  
vidas!  
É  
verdade:  
o lobo  
agora só  
come  
vegetais.



Mas, de repente,  
numa certa  
manhã, tudo se  
altera. Um grito  
pavoroso ressoa  
por todos os  
cantos da floresta,  
acordando-a: é o  
Senhor Lobo.





“Isto é demais!”, rosna o animal, ferozmente. “Não vou deixar que me vençam!”  
Os seus olhos ficaram outra vez negros e brilhantes.

Ei, Senhor Mocho, venha cá! Olhe para esta porcaria!  
Alguém destruiu a minha horta durante a noite. Você viu quem foi o bandido? Ai se o apanho!...”



“Deixe-me pensar!”, pia o mocho.  
“Não, não reparei em nada de  
estranho... vamos usar a cabeça. Deve  
haver uma solução inteligente para  
este problema.”



A ave  
fecha os  
olhos por  
uns  
momentos  
e, depois,  
murmura  
algumas  
palavras  
junto das  
orelhas  
grandes do  
lobo.



O Senhor Lobo desaparece para dentro da sua oficina e, pouco tempo depois, todos podem ouvi-lo a serrar e a martelar. E, felizmente, ao entardecer, ele espeta na terra uma linda tabuleta de madeira, mesmo em frente do portão da horta.

Satisfeito com o seu trabalho, o lobo entra em casa, para comer uma saborosa malga de sopa de brócolos e, depois, reler um livro de aventuras.



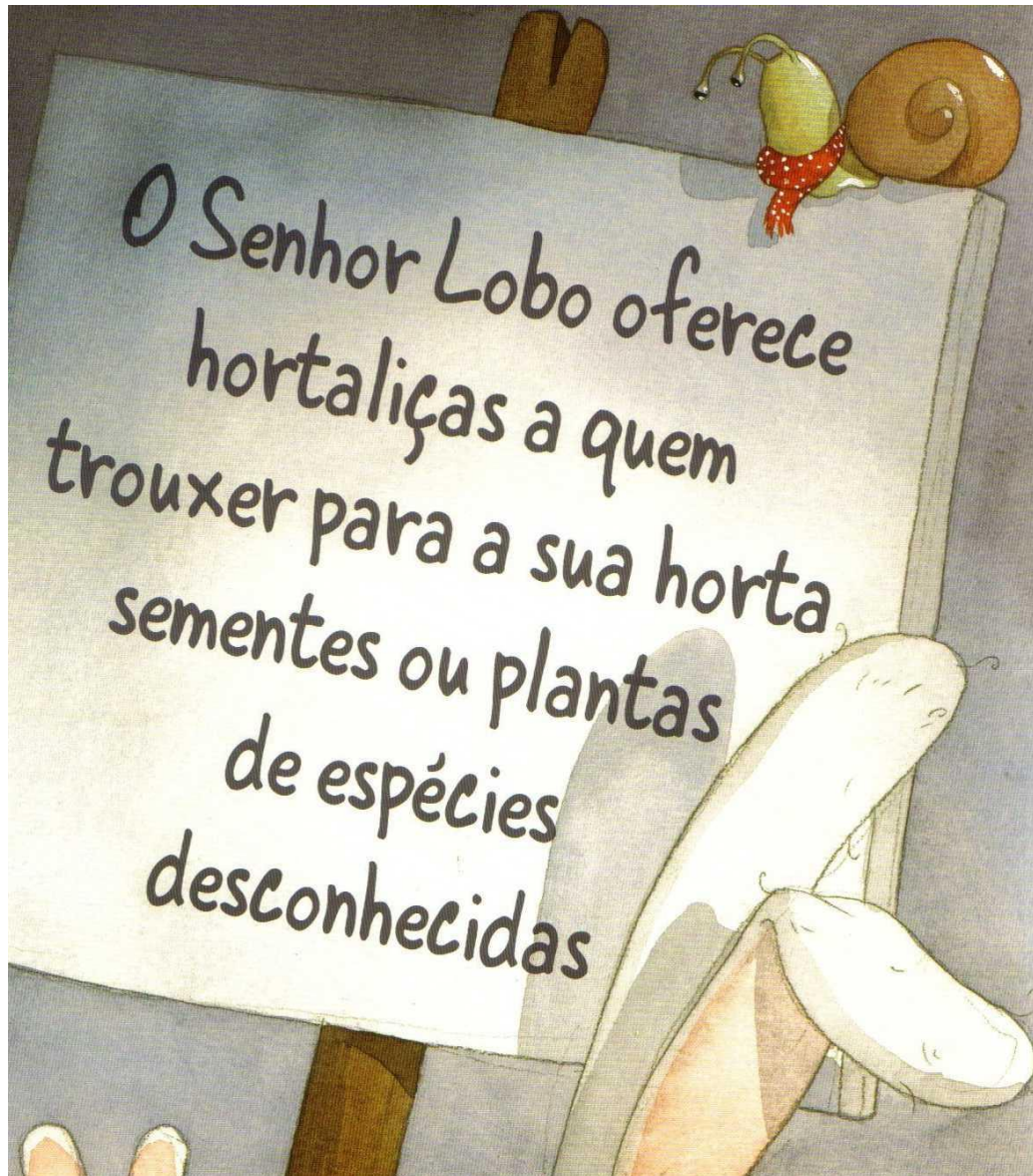


Um coelhinho, bem pequenino, quase cai na vala ao tentar ler aquilo que o lobo pintou tão cuidadosamente na tabuleta. E imediatamente informa os outros animais que estão a discutir o assunto, na clareira.

Ninguém repara no mocho que do alto dum pinheiro os observa atentamente. “Não posso acreditar!”, grunhe o rato.

“Trazer sementes? Muito bem, tive uma ideia! O filho do agricultor vai regar o milho todas as tardes. Há espigas de todas as cores... vermelhas... roxas. Volta já!”. E, dizendo isto, desaparece.





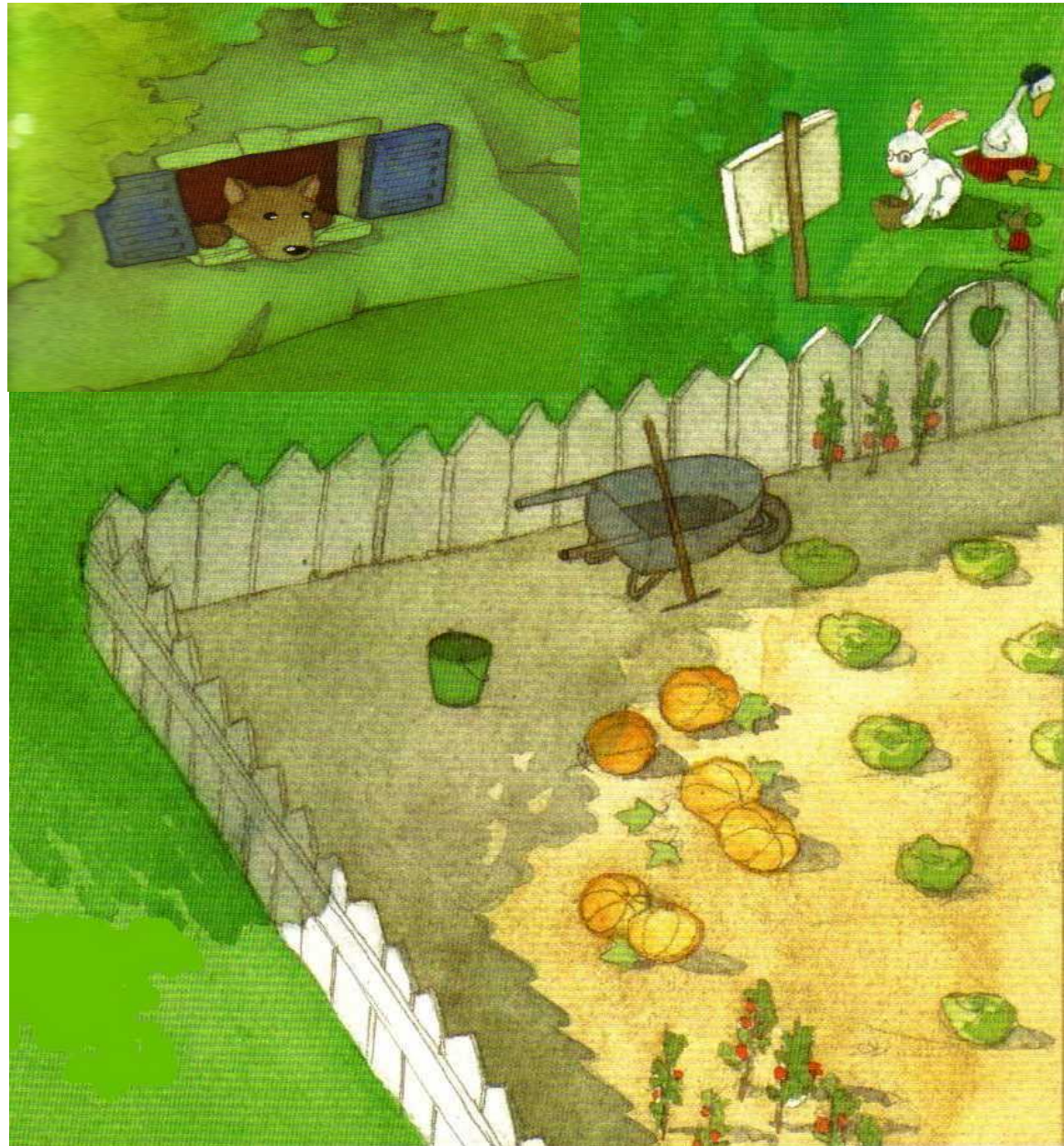
O Senhor Lobo oferece  
hortaliças a quem  
trouzer para a sua horta  
sementes ou plantas  
de espécies  
desconhecidas

“Que grande ideia!”,  
exclamou o Avô  
Caracol, acenando  
com as antenas.  
“Vamos levar-lhe  
algumas alfaces  
que logo voltaram a  
crescer mal se  
cortam! Ah! Ah! Um  
caracol a  
surpreender um  
lobo! Quem havia  
de dizer?!”. E,  
dizendo isto, o  
caracol desaparece  
atrás da parede.



A luz suave da aurora toca levemente na horta. Primeiro, aparece uma espécie de ténue toalha de luz rosada que se deita mansamente sobre a relva e folhas e, pouco a pouco, os raios de sol pintam as flores com uma luz dourada. As pétalas, fechadas durante a noite, abrem-se suavemente e os girassóis viram-se lentamente para o céu.

O Senhor Lobo abre as persianas da cozinha... e estremece de alegria.





Depois de dar uma penteadeira ao seu pêlo, ele sai para a sua horta. Dirige-se, então, para a Dona Coelha, que treme como uma folha ao vento. Ela segura nas mãos um saquinho feito de papel de jornal.



O lobo cumprimenta-a com a sua delicada voz. “Bo-boomm-bom dia”, balbucia ela. “Trouxe-lhe estas sementes de rabanete preto. Está interessado?” “Claro que estou interessado! Os rabanetes pretos são saborosos? O que hei-de oferecer-lhes em troca?”



“Nada. Ainda ontem tivemos de castigar o nosso filho por ter estragado a sua horta e mordiscado as suas alcachofras”.

“Oh! Não era razão para tal! Olhe, aqui tem esta alface e estes rabanetes. Aquilo que colhi chega para mim e sobra! Além disso, acabam por se estragar se não se comerem logo. E diga ao seu filho que pode vir quando quiser e até ajudar-me a arrancar as ervas. Negócio feito?”







Então,  
apareceram os  
outros animais,  
cada um  
trazendo  
também coisas  
bem originais.  
“Se quiser,  
podemos vir  
todos ajudá-lo”,  
exclamam.



Durante o trabalho, cada um vai contando sobre o local em que cada um provou certa hortaliça pela primeira vez, ou onde colheu determinada flor, ou o melhor modo de as plantar, de as colher ou de as cozinhar.







A manhã voa tão depressa, tão depressa que eles ficam surpreendidos quando os sinos tocam, a anunciar o meio-dia. Apenas o mocho dorme a bom dormir, no meio de doces sonhos.

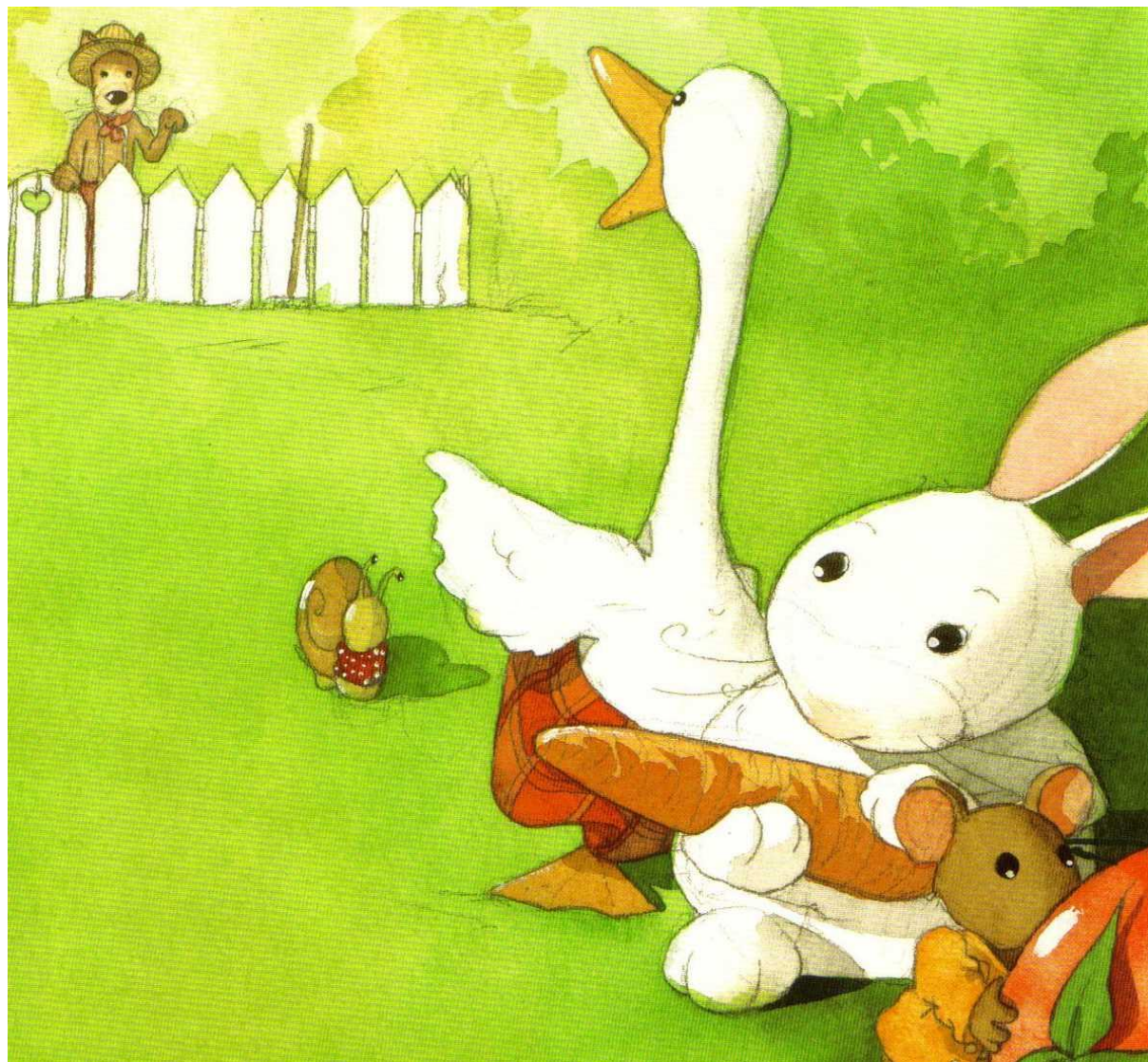
“Quem quer almoçar comigo?”, sugere o lobo. “Acabei agora mesmo de fazer salada e de pôr a mesa. Almoçamos cá fora, pois está um dia esplêndido!”

Apenas dito, logo feito. O Senhor Lobo senta-se à mesa, acompanhado pelos seus convidados, para apreciarem um delicioso almoço.

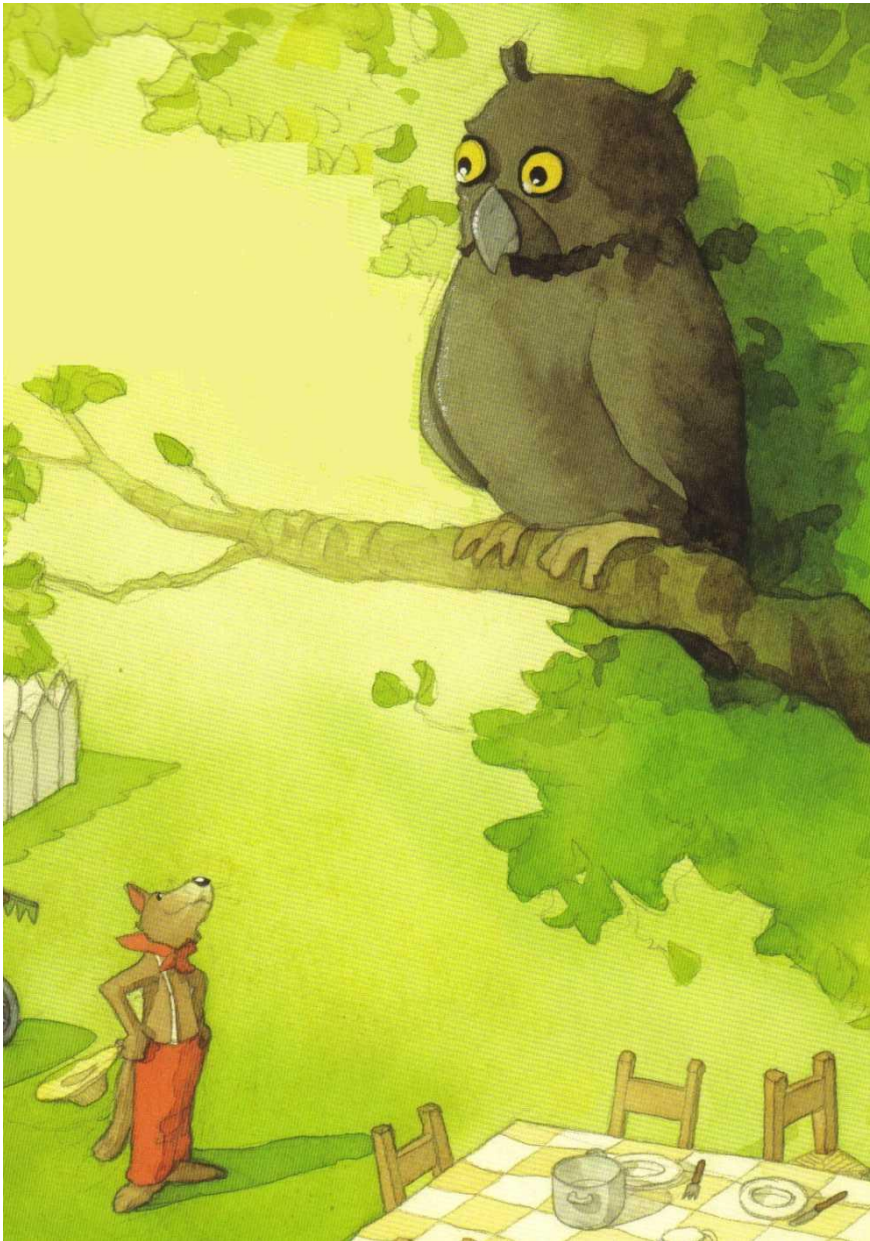




A tarde passou, veloz como um sonho. Logo, chega a hora de dizer adeus. Carregados de ofertas, os amigos do Senhor Lobo despedem-se e vão-se embora. “Até qualquer dia, Senhor Lobo, e obrigada por tudo!”



Atrás do portão, o Senhor Lobo acena um adeus. Tudo lhe parece fácil de acontecer, nesta tarde. Todos os seus problemas, a sua má reputação, as suas caçadas solitárias, mesmo as suas mágoas quando as coisas não corriam bem - tudo isso pertence ao passado.



Ao fechar o portão, o Senhor Lobo olha para o cimo do enorme pinheiro: a lua redonda parece um queijo a sorrir para ele, enquanto se ouve o velho mocho a piar uma suave canção.



FIM